

Moradores do Vale do Taquari tentam retomar a vida em outros locais

O radialista Abel Dullius Franzen foi morador do bairro Bom Fim, em Cruzeiro do Sul, e sempre conviveu com enchentes. O local ficava ilhado quando o rio Taquari alcançava 23 metros. Em maio de 2024, a régua chegou a 33,66 metros, acima de qualquer outro cenário visto anteriormente. A família ficou presa dentro de casa e foi resgatada de helicóptero na manhã do dia 3 de maio de 2024. De barco, socorristas e voluntários até tentaram buscar a família antes desta data, mas não conseguiram por causa da correnteza do rio.

A primeira solicitação de resgate foi realizada no dia 1º de maio, por volta das 17h15min. “Não tem como esquecer a data. Chovia ininterruptamente e isso começou a bater no psicológico, da severidade daquilo, do perigo. Eu lembro que fiz uma participação na rádio, mandando um áudio na madrugada do dia 1º, por volta de 5h50min, descreven-

do como estava a situação. Já tinha água dentro de casa e a gente já tinha corrido para o segundo piso”, relembra.

Ele conta que, ao terminar o áudio, percebeu que a água não parava de subir. Ouvia o barulho de correnteza, que passava pelo galpão da propriedade, e arrastou a estrutura e os animais que lá estavam. “Eu olhava para um lado e era água; olhava para o outro e era água. As casas iam sumindo, as árvores estavam caindo e aí bateu um desespero daquilo que poderia acontecer também com a nossa casa”, complementa.

Abel lembra com clareza do momento do resgate. “A aeronave sobrevoa nossa casa, dá duas voltas, verifica um lugar ideal, que é o telhado da casa da minha avó, ao lado da nossa, e ali em cima, com uma escada, que eu não sei porque estava em cima daquele telhado, a gente caminha em cima das telhas que estavam molhadas, velhas e podres”, recorda.

Hoje, a família reside em Santa Clara do Sul. Parte da casa que eles tinham em Cruzeiro do Sul sofreu danos e acabou caindo em função da enchente. “A gente deu uma ajeitada, mas ficou, por enquanto, pra passar o final de semana. Do governo não veio nada de auxílio”, relata.

Já Mirta Horn Jung, 79 anos, tinha sua casa própria no Centro de Arroio do Meio. Ela também teve a casa destruída pela força das águas e foi contemplada pelo Compra Assistida. Em 22 de dezembro de 2025, 19 meses após as cheias, conseguiu entrar na sua nova moradia.

Nesse período, a idosa se abrigou na casa dos filhos, mas as marcas daquela enchente ainda estão presentes na memória. “Não quero nem me lembrar. Perdi tudo. Fiquei só com a roupa do corpo, o resto foi tudo”, relata, emocionada. Ela já tinha sido atingida pelas enchentes de setembro e novembro de 2023.

A idosa ainda está se acostumando com o novo lar, mas afirma que sente muita falta da antiga residência, que ficava no Centro, que lhe permitia ir à missa a pé. “Agora, só consigo ir de táxi. Mesmo com saudades, ela não teve mais coragem de visitar a sua casa, que nos próximos dias deve ser demolida por estar em área de risco.

Situação semelhante viveu Ana Damacena, de 32 anos. Ela morava de aluguel em Arroio do Meio e também foi contemplada no programa Compra Assistida. Ana conta que perdeu tudo o que tinha e ficou vários meses morando em abrigos que foram organizados pela Prefeitura, até conseguir uma casa provisória construída pela iniciativa privada. “A gente não tinha mais como conseguir casas de aluguel em Arroio do Meio. As casas foram todas condenadas e o

O que dizem os governos estadual e federal

■ Governo estadual

Sobre a demora na entrega das habitações, o governo estadual explica que o trabalho está sendo realizado em parceria com os municípios. Cada cidade fez a identificação das famílias que necessitavam de moradia e a avaliação das áreas que podiam receber as estruturas. Para auxiliar as famílias, o Estado ajudou no pagamento do aluguel social e na entrega das moradias temporárias. “A casa temporária, é porque a gente sabe que vai levar tempo para as definitivas”, disse o governador Eduardo Leite em coletiva de imprensa realizada no Palácio Piratini. “Tem que identificar a área, tem que construir e tem todas as dificuldades e complexidades que a gente está enfrentando ao longo desse tempo”, complementou.

■ Governo federal

O secretário especial de articulação e monitoramento da Casa Civil da Presidência da República, Rogério da Veiga, esclarece que a solução imediata criada pelo governo federal foi o Compra Assistida. Ele também admite a demora na entrega das moradias. “Nada acontece no tempo que a gente espera que aconteça e isso é uma coisa que nos aflige. O Compra Assistida foi o método mais rápido de conseguir gerar casas, de prover habitação e estamos acelerando o processo das obras. Os empreendimentos que foram aprovados estão sendo contratados, muitos estão em construção, alguns já estão entregues. O fato é que o processo de construção é um pouco mais complexo”, diz.



Mirta Jung precisou deixar sua casa, no Centro de Arroio do Meio, após alagamentos



Abel Dullius teve que se abrigar no telhado de casa para aguardar resgate em 2024

que sobrou para alugar era muito caro”, recorda. Antes da enchente, ela trabalhava em Lajeado, e teve o deslocamento prejudicado por causa da queda da ponte da ERS-130 e da Ponte de Ferro, o que a levou a perder o emprego.

Logo após conseguir uma casa provisória da iniciativa privada, ela voltou a trabalhar e também

conquistou a casa própria. “Moramos três meses nas casinhas do Front e saiu o meu nome na lista do Compra Assistida. Coisa que eu não esperava, porque eu não era proprietária. Nunca achei que eu fosse ter essa oportunidade. Hoje, não pago aluguel e também não moramos mais na enchente”, celebra.

Chegada do El Niño no segundo semestre deste ano traz cenário de incerteza para o RS e à região

Passados dois anos da maior tragédia climática do Rio Grande do Sul, outra vez o Estado fica em alerta. O El Niño, fenômeno que causou chuvas acima da média no primeiro semestre de 2024, deve atingir novamente o Estado, provavelmente no segundo semestre deste ano, mas, até o momento, não se sabe que impactos poderá causar no Vale do Taquari.

Segundo a meteorologista do Núcleo de Informações Hidrometeorológicas da Univas, Maria Angélica Gonçalves Cardoso, a magnitude depende da evolução do acoplamento

oceano-atmosfera nos próximos meses.

“No estágio atual, não é possível determinar quais bacias hidrográficas serão mais afetadas, uma vez que a precipitação associada ao El Niño pode ocorrer de diferentes formas, desde períodos prolongados de chuva persistente até eventos intensos e localizados. Além disso, a vulnerabilidade das bacias hidrográficas depende de fatores como a condição antecedente de umidade do solo, os níveis dos rios e a ocorrência de eventos meteorológicos sucessivos”, relata.

Ela ainda destaca que esses

elementos reforçam a necessidade de monitoramento contínuo e da integração entre previsões meteorológicas e hidrológicas. Ainda segundo a meteorologista, a previsibilidade de eventos de chuva intensa e de seus impactos hidrológicos é, em geral, confiável em horizontes de até sete dias, com redução significativa da precisão em prazos mais longos.

“Mesmo em cenários de El Niño de maior intensidade, não há garantia de repetição de eventos extremos específicos, como os registrados em maio de 2024”, esclarece.



Meteorologista afirma que cenário das bacias hidrográficas do RS ainda é incerto